

NOTAS E COMENTÁRIOS

GUILHERMINO CÉSAR (1908–1993)

Repercutiu muito dolorosamente a infausta notícia do falecimento, em Porto Alegre, onde residia, em 7 de dezembro do ano findo, de Mestre Guilhermino César, aos 85 anos de idade.

Guilhermino César da Silva nasceu em São Manuel (hoje Eugenópolis), Estado de Minas Gerais, aos 15 de maio de 1908. Muito cedo incorporou-se ao movimento modernista e fez parte, juntamente com Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Enrique de Resende e alguns outros, do grupo *Verde*, de Cataguases, que tinha por objetivo "abrasileirar o Brasil e escrever com liberdade". Em 1927 sai o primeiro número da revista *Verde*, porta-voz do grupo. Em 1928, em parceria com Francisco I. Peixoto, edita G. C. o seu primeiro livro, *Meia pataca*, poesias (**meia pataca** é nome de um riacho). Em 1929, aparece como encarte de *O Estado de Minas* o suplemento *Leite Criolo*, de cunho nacionalista, cuja direção Guilhermino César repartia com João Dornas Filho e Aquiles Vivacque. Teve pouca duração. Em 1939 vem a lume o seu segundo livro, *Sul*, romance, que mestre Guilhermino evitava incluir em sua bibliografia. Pouco depois, ingressava G. C. na carreira do magistério, tendo sido professor da Faculdade de Filosofia da PUC de Minas Gerais. Havendo-se transferido para Porto Alegre, aí ocupou os cargos de Secretário da Fazenda e da Educação e ainda o de Ministro do Tribunal de Contas do Estado, no qual se aposentou. Nunca abandonou, porém, a carreira do magistério. Em Porto Alegre fez-se Professor Catedrático de Literatura Brasileira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1962 é convidado para reger a cadeira de Literatura Brasileira, recentemente criada, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, Portugal. No exercício dessa cátedra, permaneceu, com breve interrupção, até 1970. A maneira como se desempenhou de tão alta função acadêmica se comprova no fato de ter sido galardoado com o honroso título de Doutor *honoris causa*, pela multicentenária Universidade Portuguesa.

Guilhermino César nunca deixou que a seriedade do labor científico abafasse os seus dotes de cultor das letras e autêntico poeta. À sua produção lírica pertencem, além do livro de estréia, *Meia Pataca*, citado, *Lira coimbrã e portulano de Lisboa* (1965), *Arte de matar*, poema (1969), *Sistema do imperfeito e outros poemas* (1977) e *O conde de Piratini e a estância da música...* (1978). Nessa mesma linha literária, podemos incluir: *Euclides da Cunha*, 1966, ensaio; *Simonde de Sismondi e a literatura brasileira e Ferdinand Denis: Resumo da história literária do Brasil*, ambos ensaios de 1968; *O "brasileiro" na ficção portuguesa*, 1969; *O embuçado do erval*

(1968), ensaios. Guilhermino César foi, por assim dizer, o "descobridor de Qorpo-Santo, pseudônimo de José Joaquim de Campos Leão, natural do Rio Grande do Sul. De saúde mental controversa, passou Qorpo-Santo a dedicar-se às atividades literárias. Da sua obra teatral, escrita quase toda em 1866, é que, em 1969, Guilhermino César publica *As relações naturais e outras comédias de Qorpo-Santo* (com fixação do texto) e *Teatro completo de Qorpo-Santo* (1980). Mais especificamente como historiador, escreveu: *História da literatura do Rio Grande do Sul (1956)*, *Araújo Porto Alegre, 1957*, biografia; *História do Rio Grande do Sul. Período colonial, 1970*. Pertence à Academia Mineira de Letras.

Inteligência aguda, espírito curioso e alerta, faro de erudito, vivia Guilhermino César cercado de livros, entre os quais passava, imerso em leitura, durante longas horas do dia. Por terrível decreto do Destino, viu-se esse intelectual de fina estirpe, nos últimos anos de vida, privado do imenso prazer de ler. Era a sua grande tristeza. E isso num homem cuja presença sempre irradiava alegria, bom humor, galhardia mental. Um exemplo mostrará essa faceta humana e cordial de Mestre Guilhermino. Após as aulas na legendária universidade coimbrã, almoçava num dos restaurantes da cidade baixa. "Num dos restaurantes" não é exato. O apurado paladar de Guilhermino havia elegido um restaurante significativamente denominado *A Democrata*, como de sua preferência. Na verdade, o restaurante era mais conhecido como "ó Adelino", nome de seu dono e mestre de cozinha. Aí se comiam os bons petiscos portugueses, regados pela generosa excelência do vinho da casa. E era aí que Guilhermino recuperava as forças para os contínuos embates de sua intensa atividade intelectual, em companhia da inseparável esposa, D. Wanda, dos colegas e amigo. Guilhermino chegou a compor um poema dedicado ao Adelino e suas iguarias, que o homenageado afixou, envaidecido, numa das paredes do restaurante. Ao aproximar-se a data fatal de seu regresso ao Brasil, Adelino preparou-lhe grata e gostosa surpresa. Lautto jantar, à maneira do Chefe, com direito a bolo e apagamento de velinhas. E mais: a inauguração solene do retrato do Mestre, a honrar uma das paredes do velho estabelecimento. Foi uma despedida carinhosa e comovente até às lágrimas. Se ainda existe na eterna Coimbra *A Democrata*, lá encontraremos, sobranceira e tranqüila, a efigie do Professor Guilhermino César, catedrático de Literatura Brasileira, da Universidade de Coimbra.

Guilhermino César enfileira-se entre os vultos exponenciais da cultura lusobrasileira, que amou e enobreceu com seus estudos de **scholar** exímio. Seu desaparecimento é uma grande perda, que deixa vácuo impreenchível. Nesse ponto, o Brasil vem sendo mutilado: Serafim da Silva Neto, Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Artur César Ferreira Reis, Américo Jacobina Lacombe, Celso Cunha e agora Guilhermino César. Terão, por certo, continuadores. Mas, apesar do que disse uma vez modestamente o saudoso Presidente Castelo Branco, cremos que dificilmente poderão ser incluídos no rol dos "substituíveis".

S. E.

AGOSTINHO DA SILVA (1906–1994)

Aos 88 anos de idade, faleceu em Lisboa, no último dia 3 de abril, o professor Agostinho da Silva, profeta e filósofo. Despediu-se como nasceu, pobre e honrado, rico apenas de idéias e de sonhos. A sua grande paixão foi sempre Portugal, para ele uma deidade histórica, cuja alma buscava apreender e sentir, para poder fazê-la compreendida e amada de todos os seus contemporâneos, mas particularmente dos povos lusíadas. Esta a missão que o Destino lhe confiara. E que procurou executar sem medir esforços nem percalços.

Por não se adaptar ao regime salazarista, veio para o Brasil em 1945 e aqui permaneceu durante vinte anos. Não se fixou em nenhum ponto determinado do território brasileiro. Esteve no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, na Bahia, na Paraíba e por fim em Brasília, onde, com o apoio do então Reitor, Prof. Darcy Ribeiro, fundou um Centro de Estudos Portugueses. Da sua dedicação surgiu valiosa biblioteca, onde numerosos estudantes brasileiros puderam melhor absorver a força viva da cultura portuguesa, raiz e seiva do nosso intransferível patrimônio cultural. Voltou à pátria, para continuar o seu incansável e fecundo bom combate e ao solo nativo legar os ossos do seu frágil corpo a abrigar uma alma não pequena.

S.E.
